

FIRMADOS EM CRISTO

—... 2020 —


Igreja
Evangélica
Luterana
do Brasil
Cristo para todos



VIVEMOS E
COMPARTILHAMOS
O AMOR CRISTÃO

“E todos continuavam firmes, seguindo os ensinamentos dos apóstolos, vivendo em amor cristão, partindo o pão juntos e fazendo orações.” Atos 2.42

ielb.org.br

FIRMADOS EM CRISTO

Vivemos e compartilhamos o amor cristão

A Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) tem desenvolvido uma prática de escolher temas para quatro anos. O quadriênio 2019-2022 nos convida a olhar para Atos 2.42 e trabalhar em nosso tempo, com os olhos fixos no mesmo Senhor da igreja que guiou a igreja apostólica na sua prática cristã. Assim, o tema é *Firmados em Cristo*. Em 2019, o lema desenvolveu seu foco para a devoção à Palavra de Deus, com a ênfase *Seguimos e compartilhamos os ensinamentos dos apóstolos*. Para 2020, estaremos no segundo ano e será importante novamente ler alguns artigos escritos sobre a temática principal. A base primária, desenvolvida pelos pastores da IELB, Rev. Laerte Tardeli Voss e Rev. Mário Rafael Yudi Fukue, foi publicada na *Revista do Planejamento, Igreja em Grupos 2019* e no *Anuário Luterano 2019*, bem como um artigo no *Mensageiro Luterano* de novembro de 2018, e o estudo do Rev. prof. dr. Paulo Moisés Nerbas, publicado no caderno do programa *Igreja em Grupos 2019*, todos da Editora Concórdia.

Dessa forma, tendo como base esses estudos, vamos buscar desenvolver a temática de 2020 revisitando suas pesquisas e reflexões, até mesmo repetindo afirmações, buscando aplicar à ênfase de 2020: *Vivemos e compartilhamos o amor cristão*.

A identidade da igreja como o corpo de Cristo, como o rebanho salvo pelo Pastor Jesus, como o povo que vive já na perspectiva da eterna comunhão com Deus, graças à obra redentora, vai se evidenciando na sua prática. Em Atos 2.42, temos um relato da comunidade de fé que os discípulos de Jesus formaram. Nele, Lucas, o autor, que escreve a partir de uma acurada pesquisa (Lc 1.3 e At 1.1), cita quatro pontos que identificam aquela comunidade de fé. Estas quatro características, princípios, pilares ou outro nome, já se tornaram assunto de muitos artigos e livros para as igrejas.

Tomando por princípio que a Bíblia é o livro da revelação de Deus, e seu conteúdo é autoritativo, ou seja, a Bíblia tem autoridade porque vem de Deus. Ela me dá autoridade para fazer, e ainda, ela é autoritativa porque faz o que nela está escrito. Olhando desta forma para o texto de Atos 2.42, podemos perceber a revelação como Deus conduziu a sua igreja concedendo a firmeza nos ensinamentos dos apóstolos, na comunhão, no partir o pão e nas orações... "E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações" (NAA); "E todos continuavam firmes, seguindo os ensinamentos dos apóstolos, vivendo em amor cristão, partindo o pão juntos e fazendo orações (NTLH). Aqui Deus revela como ele conduz a igreja, e a Palavra de Deus revela o que ela faz com a igreja, por causa da igreja e por meio da igreja. E então podemos dizer que a igreja é o que está escrito em Atos 2.42.

A igreja de Atos não escolheu nem se autopromulgou igreja. Ela foi feita igreja por obra do Espírito Santo, o *paráclito*, prometido e enviado por Jesus em Lucas 24.48,49: "Vocês são testemunhas destas coisas. Eis que envio sobre vocês a promessa de meu Pai; permaneçam, pois, na cidade, até que vocês sejam revestidos do poder que vem do alto". *Ecclesia* é povo separado para realizar uma obra de Deus. A igreja é uma estratégia que Deus instituiu para dar continuidade ao anúncio da obra de salvação – "testemunha", diz o versículo 48, pois a salvação é a boa notícia que salva e por isso deve ser anunciada para que ocorra na vida de pessoas que ainda não conhecem a graça da salvação. O prof. Paulo Nerbas, ao destacar o sentido de firmados em Cristo, no texto de 2019, sugere a expressão firmados por Cristo. Sim! A obra de chamar, congregar e firmar é obra de Cristo. Agora que estamos firmados por causa da obra de Cristo, algumas coisas vão acontecer nesta relação firme.

Em Atos temos a revelação de que os cristãos foram firmados, continuaram firmes e eram mantidos firmes por aquele que os firmou. Não foi um ato estático no passado, onde Cristo os firmou e parou no tempo. O ato de firmar se dava por diferentes maneiras, de forma contínua e para diferentes situações. A expressão grega *proskarterountes* refere-se à constituição de um relacionamento íntimo, mas também indica uma permanência inalterada deste relacionamento. Então Atos 2.42 nos ensina que "todos continuavam firmes" por meio desta relação íntima que o Espírito Santo estabelecia com os seguidores de Jesus, que permaneciam com um laço de fé, e, neste laço, o amor, a comunhão, as orações e toda a vida cristã brotavam em sua forma de ser e viver. Evidenciando esta firmeza, outras pessoas estavam sendo firmadas, que na mesma dinâmica do Espírito Santo estavam unidas com o grupo, sendo instrumentos que eram testemunhas para que mais outros fossem firmados.

Ser testemunha não é um mero contar o que viu ou sabe. Ser testemunha, neste contexto, é contar o que aconteceu com Cristo e como isso mudou o nosso viver. É tornar conhecido o que a obra de Deus em Cristo realizou na própria pessoa. Não é falar sobre Jesus, mas anunciar Cristo e as suas promessas, que geram fé nos ouvintes. Ser testemunha é se colocar dentro do assunto a ser testemunhado. A obra de Cristo não é algo distante e inalcançável. Ele fez em meu favor e também fez em seu favor. Eu sou parte desta obra de

Cristo. Eu não procurei, mas fui procurado por Cristo e hoje estou firmado nele, e, por isso, eu tenho a esperança e vivo com alegria e singeleza de coração, e este testemunho evidencia o que Cristo pode e quer fazer por e em você.

O firmar e continuar firme acontecia nesta relação íntima estabelecida pelo Espírito Santo, que não acompanhava, mas que conduzia a igreja para ser o que ela estava sendo. Assim nos aproximamos de um conceito que começa a ter espaço em nosso vocabulário: *Igreja Missional*. Não uma igreja que faz incursões e volta para si mesma, ou uma igreja que anuncia por palavras e ações sem se relacionar com a realidade das pessoas. *Igreja Missional* é uma igreja que é fruto da graça de Deus e movida pelo Espírito Santo, é a presença de Cristo que vai ao encontro, que se relaciona, que convive, que faz o que ela mesma é. Não uma igreja *para fazer missão*, mas uma igreja *em missão*. Uma igreja que está firmada por Cristo, firmada em Cristo e, por isso, firmando em Cristo, por meio do testemunho que o Espírito Santo promove por meio dela.

Aqui é preciso ter atenção para não jogar fora a graça, mas é preciso afirmar que a prática do amor é a demonstração que esta obra de Deus, iniciada quando Cristo nos firmou nele, permanece nos firmando. O Pentecostes, com a presença do Espírito Santo, marcou como o Espírito Santo trabalha pela salvação das pessoas. A obra de salvar pessoas é do próprio Espírito, que fala por meio de Pedro e de todos os que ali foram tocados pelas línguas que pareciam chamas de fogo, para tornar conhecidos os grandes feitos de Deus, na língua que os ouvintes podiam entender (Atos 2.11). Cristo firmou a igreja nele e, por meio dela, tornou conhecido o que ele fez para a salvação das pessoas. Para a igreja, em Atos, compartilhar o amor cristão não era simplesmente algo eventual e sem importância, mas fazia parte da obra para a qual Cristo instituiu a igreja, e o amor cristão era a manifestação do Espírito Santo como parte dos propósitos para os quais a vida dos cristãos foi firmada em Cristo.

Em Atos 2.33, o autor fala da Trindade, imputando ao Espírito Santo o dinamismo da fé e o crescimento da igreja, dizendo: "Exaltado, pois, à direita de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vocês estão vendo e ouvindo" referindo-se ao que estava acontecendo no dia de Pentecostes. Quando o texto diz que Cristo dá o Espírito, relaciona-se também com a profecia do profeta Joel, relatado em Atos 2.17-21, falando sobre o "derramar o meu Espírito", que gera o ato de profetizar, ou seja, anunciar a notícia que Deus quer tornar conhecida. As pessoas de todas as idades profetizarão, e a salvação vai acontecendo, como conclui, "E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo" (v. 21).

Continuar firmes não trata apenas de vida santificada ou produzir frutos do Espírito Santo, mas evidencia que a igreja, como Corpo de Cristo, é obra de Deus para que pessoas sejam salvas. A igreja prega e vive o Evangelho; a igreja batiza e vive o batismo no arrependimento e perdão; a igreja administra a santa ceia e vive sendo parte da comunhão dos santos; a igreja é amada por Deus e vive este amor em comunhão com as pessoas.

A obra do Espírito Santo, decorrente do derramamento do seu Espírito, também aparece na sequência de Atos 2.42, que diz: "E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações". E os versículos seguintes afirmam: "Em cada alma havia temor, e muitos prodígios e sinais eram feitos por meio dos apóstolos. Todos os que criam estavam juntos e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e bens, à medida que alguém tinha necessidade. Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam o pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de

coração, louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo. Enquanto isso, o Senhor lhes acrescentava, dia a dia, os que iam sendo salvos” (43-47). O Espírito Santo, derramado pelo Pai na vida da igreja, fez a igreja olhar para as pessoas. Com temor a Deus, sua forma de vida era um sinal e testemunho do que Deus realizou nela. Não deixar faltar algo material a alguém, conviver unânimes no templo, partir o pão e tomar as refeições eram geradores e motivos de alegria e singeleza de coração. E o que o Senhor fazia com as pessoas que eram alcançadas com este jeito de viver? Aquelas pessoas que viam e ouviam sobre esta vida dos cristãos? “O Senhor lhes acrescentava, dia a dia, os que iam sendo salvos” (v. 47).

É importante perceber que o Senhor acrescentava pessoas a um grupo que “perseverava na doutrina”, crescendo na Palavra e, com sua vida e movimento, tornava conhecido o que Cristo fez nele. O acréscimo de novas pessoas à igreja era parte da Palavra vivida por ela. O Espírito Santo agia na igreja evidenciando as marcas da igreja e ele mesmo acrescentava as pessoas a esta igreja. Para ser testemunha, a igreja foi igreja por meio da presença de Cristo. Ela viveu intensamente o ser igreja, e o Senhor a fez crescer. A igreja viveu sob o Espírito derramado, no meio das pessoas, e não isolada delas. E o povo reagia a esta forma de vida sendo acrescentado a este grupo de cristãos por obra do Espírito Santo. Não há espaço para inércia e posturas passivas, como quem diz, se a obra é de Cristo, ele vai fazer. Não há espaço para isso, porque ele realiza a sua obra em nós e a torna conhecida por meio do efeito dela, conduzindo a nossa vida com as marcas da igreja.

***Koinonia* – Comunhão**

O professor Dr. Johannes H. Rottmann [1], em seu livro sobre Atos, chama de “os quatro pilares da vida espiritual da igreja”, também chamados de comportamentos. Vamos abordar o *segundo* destes pilares: **a comunhão como corpo de Cristo.**

A igreja nasceu por meio da Palavra. E o que pode nos ensinar a palavra *koinonia*, para este contexto? É mais do que uma mera atitude passiva, mas denota uma postura ativa de “ter comunhão com alguém”. É coparticipar, é ter algo em comum com o outro. Na igreja de Cristo não há lugar para passividade, sócios e direitos adquiridos. Há lugar para a atuação dinâmica de um para o bem de todos e de todos pelo bem de um. A marca é a coparticipação na doutrina dos apóstolos, no ouvir da Palavra, na adoração e louvor a Deus, na celebração da santa ceia e nas orações e intercessões. Esta *koinonia* – comunhão, ter algo em comum, Deus estabelece com os cristãos, mas ela tem um lado prático, humano e acontece nas relações pessoais. Em Romanos 12.10-16, diz: “Amem uns aos outros com amor fraternal. Quanto à honra, deem sempre preferência aos outros. Quanto ao zelo, não sejam preguiçosos. Sejam fervorosos de espírito, servindo o Senhor. Alegrem-se na esperança, sejam pacientes na tribulação e perseverem na oração. Ajudem a suprir as necessidades dos santos. Pratiquem a hospitalidade. Abençoem aqueles que perseguem vocês; abençoem e não amaldiçoem. Alegrem-se com os que se alegram e chorem com os que choram. Tenham o mesmo modo de pensar de uns para com os outros. Em vez de serem orgulhosos, sejam solidários com os humildes. Não sejam sábios aos seus próprios olhos”. E o texto continua e conclui o capítulo, dizendo, “vençam o mal com o bem” (v. 21).

Esta *koinonia* não se refere apenas à relação pessoal entre os membros da igreja. Não há um limite ou circunscrição onde a *koinonia* deve acontecer. As referências bíblicas sempre são amplas, “uns aos outros”, “no trabalho comum”, ou seja, na relação no ambiente de trabalho, para fora da comunidade de fé. Não é uma reivindicação de vínculo interno, mas um jeito de se relacionar com pessoas e, como igreja, com a sociedade. E o amor entre os

irmãos serve de testemunho aos de fora, como ensina Jesus em João 13.35: "Nisto todos conhecerão que vocês são meus discípulos: se tiverem amor uns pelos outros".

Visto desta forma, a *koinonia* – comunhão cristã – faz parte da dinâmica que Deus revelou para firmar, manter firme e continuar firmando mais pessoas a Cristo. Esta forma dinâmica, prestativa e voluntária de suprir-se mutuamente daquilo que o ser humano necessita para a sua estabilidade emocional, espiritual e social, é um testemunho concreto que desperta pessoas a ouvirem o Evangelho para serem acolhidos, e por meio do batismo, integrados ao corpo firmado em Cristo – a igreja.

Esta *koinonia* não é algo "à parte" do ser firmado por Cristo, do seguir firmado em Cristo e firmado na Palavra. *Koinonia* é obra do Espírito, que é parte e decorre desta obra anterior do Espírito Santo. Estar firmado no ensino dos apóstolos é prerrogativa para que a igreja seja igreja em tudo o que acontece por meio dela. Se os cristãos e a igreja quiserem cultos corporativos, ação social efetiva, comunhão acolhedora, estrutura funcional, departamentos ativos, eventos criativos e congressos lotados... ela necessita do esclarecimento e do compartilhamento íntegro da Palavra de Deus. A Palavra faz a igreja, e a Palavra faz o que ela diz. Sim, a Palavra é autoritativa e faz nas pessoas o que ela diz.

A igreja e a vida cristã são multifacetárias. Não há fórmula e nem há como esgotar aplicações da Palavra de Deus a esta realidade. Mas não dá para ignorar o fato que a Palavra de Deus nos autoriza e reivindica que ensinemos todas as coisas. Todas as coisas que dizem respeito à nossa salvação, e todas as coisas que possibilitem a salvação das outras pessoas. Entre elas o amor. O amor que, inclusive fora do Cristianismo, "é um dos preceitos fundamentais da vida civilizada" (Zygmunt Bauman, sociólogo e filósofo polonês).

A CRIAÇÃO DE DEUS

A abrangência das consequências da queda

Em consequência à desobediência, Adão e Eva foram expulsos do Jardim do Éden, e com isso foram afastados da árvore da vida. Assim, sua existência passou a ser finita, rumando para um fim – a morte. A maldição da desobediência está no coração e nos atos do ser humano. E toda a criação de Deus sofre, como afirma Deus a Adão: "maldita é a terra, por sua causa; em fadigas você obterá dela o sustento durante os dias da sua vida" (3.17)

O alcance da obra de restauração

A obra da redenção em Jesus não é obra da redenção humana, mas é obra da redenção da criação de Deus. Um novo tempo é instalado. Uma nova oportunidade é inaugurada e vivida por tudo aquilo que havia sido atingido com a destruição causada pelo pecado. Ao ser humano, como agente da destruição, há um chamado específico à fé e um envio para uma obra específica: tornar a restauração em Jesus conhecida e real até os confins da terra. Na espera pelo Salvador, temos salmos que conclamam toda a criação a se alegrar e esperar a restauração (Salmo 95, 98).

O alcance do amor cristão e o testemunho da igreja

O amor do cristão não se destina apenas aos cristãos da sua comunidade de fé. Ele tem lugares para ser aprendido e praticado, começando na família e na igreja. Na igreja, a Palavra que firma o cristão tem um lugar especial, e Deus vem aos que nele creem e os fortalece, instrui e envia. E o amor cristão é atuante no trabalho de restauração da criação de Deus. Há maneiras para restaurar diferentes coisas criadas por Deus. Por exemplo, a natureza, ela tem em si um poder restaurador e alcança um alto grau de restabelecimento

quando deixa de ser poluída ou degradada. Quando o agente de poluição é eliminado, a natureza inicia o ciclo de restauração. As pessoas restauradas por Jesus são chamadas a serem agentes de ações de promoção desta restauração, por exemplo, destinando adequadamente todos os resíduos que produzem, especialmente por causa dos hábitos de consumo. Podem mudar hábitos de consumo para proteger a criação. Podem favorecer produtos que venham de empresas que sustentam programas de preservação da natureza. Os produtores rurais, de quem vêm tantos exemplos bonitos, onde já há coleta de resíduos sólidos, e todos os papéis, plásticos e metais recebem a destinação para reciclagem. Mas é na área rural onde estão localizadas as maiores fontes de vida: as nascentes! Aquela vertente ou olho d'água que está em algum lugar da propriedade e verte água que corre até algum riacho ou rio. Manter este lugar cercado de árvores nativas é uma forma de plantar um rio e promover vida.

Já a restauração do ser humano é mais complexa: o ser humano vive a maior degradação. Nele as consequências do pecado se evidenciam mais. Nele se tornam visíveis a vida sem Jesus, a degradação causada quando a imagem e semelhança de Deus, dados na criação, foram perdidos. O ser humano não apenas vive uma condição de pecador, como também é aquele que é capaz de planejar e promover o pecado e a desgraça. A este ser humano se estende o amor e a misericórdia de Deus, não apenas para livrá-lo do inferno, mas também para torná-lo agente de cuidado e restauração, tanto da criação, como de outros seres humanos.

O amor cristão não ocorre apenas quando o cristão o expressa em palavras e atitudes em relação a alguém, mas também quando o cristão, por causa do amor de Deus, envolve-se na construção de um sistema que evita sofrimentos e exclusões, impedindo o espaço e a ação dos que promovem a dor, a exclusão e a destruição.

O LEMA DA IELB

Vivemos e compartilhamos o amor cristão

O lema da IELB nos convida, por estarmos firmados em Cristo, e, por isso, Cristo está presente na nossa vida, em 2019 – seguimos e compartilhamos os ensinamentos dos apóstolos, e, em 2020 – vivemos e compartilhamos o amor cristão. Este convite nos abre possibilidades quase infinitas na forma de viver e compartilhar. Sabemos o que temos para compartilhar, e agora é importante saber mais sobre quem será o receptor daquilo que compartilhamos.

Viver diz respeito a um estilo de vida. A uma forma natural. Que faz parte do jeito de ser. É inerente ao ser cristão, ao estar firmado por Cristo e em Cristo. Já o compartilhar nos remete a planejamento, à estratégia e metodologia. A Palavra de Deus faz o que ela diz. Assim, não cabe à igreja falar do amor cristão para as pessoas, mas, com a autoridade da Palavra, o amor cristão vai acontecer por meio da igreja. O amor cristão é praticado por causa de Jesus e não por causa das pessoas. O amor cristão é um modo de Cristo estar com as pessoas. E ele se faz presente, visível e atuante por meio da igreja.

O próximo precisa ser amado de um modo que ele se sinta amado. Amor considera o outro. Respeita e valoriza o outro. Amor não tem lugar para desrespeito e humilhação. Isso vale para a vida em casal, na relação entre pais e filhos, filhos e pais. Isso se aplica para a realidade de convivência na igreja e na sociedade. Mas também se aplica à convivência entre as diferentes etnias, classes sociais e regionalismos em nossa pátria. É preciso observar e estudar as diferenças entre a realidade rural e urbana, mas também as diferenças

entre as classes intelectuais e econômicas. Expressar amor a diferentes públicos pode necessitar uma diversidade de programas e formas para expressar amor a cada público.

Não sou eu quem decide como amar, mas o amor pode se tornar recíproco na relação. Eu amo e a outra pessoa pode se perceber amada, e responder com amor a mim. Para que esta reciprocidade ocorra, eu preciso me interessar em saber mais da pessoa a quem o amor se direciona. O amor cristão não é algo distante e para fora da realidade do dia a dia. Ele ocorre dentro de uma realidade concreta e na relação com pessoas reais. Lutero define quem é o meu próximo, dizendo: "todo aquele que necessita do nosso amor". E certamente ao dizer necessita, subentende que o amor a ele dirigido vai preencher uma situação específica e real.

Este amor ao próximo não ocorre em uma escala de primeiro, segundo e terceiro, onde uma coisa vem depois da outra. Uma precisa ser concluída para que outra possa ser iniciada. O amor tem direções múltiplas e acontece ao mesmo tempo para diferentes pessoas em diferentes situações. Esta obra do amor cristão é a obra da Trindade em nós e por nós. As pessoas da Trindade atuam individualmente, mas atuam também de forma relacional. O Espírito Santo não fala de si, mas aponta para a obra de Cristo. Ele não vem agir por si, nem apresentar algo novo ou diferente, mas "quando vier o Espírito da verdade, ele os guiará em toda a verdade. Ele não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que ouvir e anunciará a vocês as coisas que estão para acontecer" (Jo 16.13). Nesta perspectiva, reconhecendo que a salvação das pessoas é obra da Trindade, nós queremos viver e compartilhar este amor de forma natural, sem méritos ou dignidade da nossa parte. Sem buscar aprovação ou reconhecimento, mas como parte integrante da vida cristã. Isso nos remete a Mateus 25, quando os justos perguntam: "Quando foi que vimos o Senhor com fome e lhe demos de comer? E quando vimos o senhor como forasteiro e o hospedamos? Ou nu e o vestimos? E quando foi que vimos o senhor enfermo ou preso e fomos visitá-lo? O rei respondendo lhes dirá: Em verdade lhes digo que, sempre que fizeram a um destes meus pequeninos irmãos, foi a mim que o fizeram" (Mt 25.37-40).

Por um lado, a prática do amor cristão é parte da vida cristã e inerente à fé e à comunhão com Cristo, por outro lado, ela pode ser intencional e diretiva. É possível e necessário planejar e implementar ações que demonstrem amor e promova a dignidade do próximo. Existem situações complexas que não são de fácil solução e exigem engajamento e envolvimento coletivo, e, quem sabe, investimentos além da possibilidade individual. Para permitir engajamento da igreja é preciso planejar, descrevendo a situação, os objetivos e metas e o cenário de transformação almejado, para que possa haver compromisso coletivo. E, quando a situação envolve pessoas a quem almejamos uma nova situação de vida, é necessário trabalhar junto com elas, facilitando os processos, para que o desenvolvimento almejado seja conquista delas, e, por isso, de valor e duradouro.

A igreja também é um espaço para crescimento pessoal e desenvolvimento das pessoas. Aqueles que lideram a igreja precisam estar atentos para quais oportunidades de engajamento e crescimento estão disponíveis para aqueles que "o Senhor lhes acrescentava, dia a dia". O que as crianças e jovens podem levar para a sua vida e testemunhar: "aprendi na igreja"? Penso na música, canto, liderança, oratória, teatro, cursos de iniciação profissional.

a) Vivemos e compartilhamos o amor cristão como consequência do culto

A liturgia do culto luterano é muita rica em conteúdo bíblico. Destacamos o fato que o culto em sua liturgia evidencia a nossa fé no Criador, Redentor e Santificador. Evidencia o Criador, de quem vem o nosso socorro e perdão. Apresenta o Redentor desde o seu anúncio, nascimento, obra e sacrifício vicário como cordeiro de Deus. A liturgia conecta os dois testamentos com leituras bíblicas e nos move a cantar com o salmista até hinos do contexto atual. É o Santo Espírito que nos entrega Cristo e nos faz ver o que Deus já nos deu na criação, e por meio da fé o Espírito nos alcança tudo o que Deus nos oferece em cada culto. De forma especial, ainda destacamos a presença real de Cristo, que no pão e no vinho se faz visível e palpável para nos purificar de todo o pecado. E na conclusão, Deus se compromete, não a nos acompanhar, mas andar junto, rosto a rosto, “faça resplandecer o seu rosto sobre ti”, na bênção, para que nada nos desvie do caminho de volta ao próximo culto.

Na liturgia do culto também existem algumas expressões que nos direcionam ao amor cristão em forma de ação social. Assim como no Pai-Nosso, não é meu Pai, mas no plural, a liturgia inclui o corpo, o coletivo, no plural, incluindo sempre eu e as demais pessoas. Quando entoamos o *Kyrie*, suplicamos a misericórdia divina sobre todos, assim também pedimos o perdão dos nossos pecados, e na oração do Pai-Nosso, pedimos o pão nosso de cada dia, suplicando o suprimento diário para nós mesmos e para todas as pessoas. E nas ofertas, consagramos nossos bens para promover a evangelização e o acolhimento de pessoas. Talvez a evidência mais forte está naquilo que a ceia realiza em nós e no que somos levados a pedir na oração de ação de graças: “Suplicamos-te que o mesmo nos fortaleça a fé em ti e nos dê ardente caridade para com o nosso próximo”. No inglês: “in fervent love toward one another”, literalmente, em fervoroso amor um pelo outro.

O amor é movido pela obra do Filho, na mediação do Espírito Santo, e acontece dentro da obra do Pai – a criação – em especial, é dirigido à criatura humana. No culto, Deus vem e serve os seus filhos e filhas, adultos, crianças, jovens e idosos, para que cheios da presença e do conhecimento de Deus sejam enviados em ardente caridade, na presença do Senhor, tornando-o visível e conhecido na vida cotidiana para o próximo.

O termo culto pode significar adoração, que, tendo a sua origem na palavra grega *proskinéo*, significa prostrar-se com o rosto em terra. Uma posição de total entrega e confiança de que a direção está nas mãos daquele diante de quem nos prostramos. E este, o Deus Pai, Filho e Espírito Santo, que nos levou ao templo e que estava lá nos esperando, é invocado no início do culto, como sendo uma declaração de que o único que pode nos servir nesta celebração é ele.

Para a compreensão da essência do culto, a língua inglesa ajuda um pouco, quando o culto é chamado de *service*, que pode ser traduzido por serviço, mesmo deixando indefinido o sujeito do serviço. Neste quesito, o termo alemão é profundo e completo ao chamar o culto de *Gottesdienst*, o servir ou serviço de Deus. Aí não deixa dúvidas quem tem algo a fazer no culto. Deus é quem serve no culto. O culto é o lugar onde Deus abastece a sua igreja. Mesmo sendo ele o que serve, ele não deixa de ser o sujeito da ação quando ele faz parte desta obra de servir por meio de nós. Ele faz uso da nossa voz e dons. Ele fala por meio da nossa boca nas leituras bíblicas, na pregação e nas orações, mas também nos transmite sua mensagem com os dons musicais, a voz nos cânticos, e por meio das habilidades de interpretação e pregação da Palavra. Sem contar a sua presença real no pão e no vinho, quando o corpo e sangue de Cristo nos purificam de todo o pecado e perpassam todo o nosso ser. Inclusive a santa ceia, como também o batismo, Deus realiza por meio do seu

profeta e sacerdote, o pastor. Tudo isso está ao dispor do Senhor para nos servir no culto, e ele não se ausenta na saída. Somos abençoados nas palavras "faça resplandecer o seu rosto", ou seja, ele não nos perderá de vista, estando na frente, rosto a rosto, pois sabe que do culto vamos para fora, para a família, para a comunidade e para a sociedade, para que as pessoas que não estiveram no culto sejam servidas por Deus por meio do amor cristão.

b) Vivemos e compartilhamos o amor cristão na família

A família é o lugar que Deus criou para ser espaço que dá segurança, estabilidade e vivências que nos moldam, nos conduzem e nos amadurecem para os demais espaços da vida. No lar, o amor cristão é vivido pelo casal que vive o amor e usufrui a graça no estado matrimonial. Amor é vivido de pais para filhos, de filhos para com os pais e entre os irmãos. Na família, o amor cristão é moldado pela Palavra e experimentado nas diferentes formas das relações entre as pessoas cujos laços são de amor, cumplicidade e intimidade social. Dentro da família, o amor pode ter definição muito ampla: amar é sacrifício; amar é educar; amar é ensinar para a vida autônoma; amar é não abandonar nos erros; amar é ajudar a levantar; amar é ensinar a amar. O amor é parte da vivência na família cristã, mas é desafio da família cristã promover ações que protegem a sociedade do ódio e da violência. Além de viver o amor como parte inerente da família, há espaço para olhar para além de si mesmo e promover proteção social para outras famílias.

c) Vivemos e compartilhamos o amor cristão na igreja

Deus nos ama sem que mereçamos. Amor é algo que se dá a quem não merece. Não se ama como troca, favor ou necessidade: "Nós amamos porque ele (Deus) nos amou primeiro" (1João 4.19). A igreja é um espaço especial para amar e ser amado. Dar e receber amor dá às relações sabor de "quero mais". A igreja é oportunidade para viver o amor divino (*ágape*) nas relações humanas. Viver o amor para compartilhar experiências e sarar as feridas uns dos outros. Viver o amor como testemunha da graça.

A dimensão recíproca do amor não pode ser esquecida. Fomos criados para uma vida coletiva: "Não é bom que o homem esteja só" (Gn 2.28). Nós precisamos do amor das outras pessoas. Aplausos e elogios pelo que somos e fazemos podem revelar aprovação e conquistas, mas não preenchem a necessidade que temos de nos sentir amados pelas pessoas. Somos muito mais do que seres que fazem coisas, pois também sentimos e experimentamos frustrações que marcam nossa vida. Nessas horas, a manifestação do amor de alguém faz toda a diferença. O amor se manifestará não por um feito, mas será a manifestação de algo que toca em nós mesmos, naquilo que somos enquanto criaturas humanas. A igreja é um lugar para viver este amor que nos estabiliza e fortalece a autoestima e revigora o nosso ser. A convivência que existe na família se estende dentro da família maior, a congregação.

Por isso, na vida da congregação, dentro da igreja, vamos olhar mais para as pessoas. Podemos sorrir, regozijar-nos, abraçar-nos e chorar juntos. Participar da vida das pessoas como elas são, sem exigir a perfeição, nem exigir delas o que nós mesmos somos incapazes de fazer, nem mesmo querer projetar a si mesmo em outra pessoa. Não podemos querer que alguém assuma a nossa identidade, mas preciso ajudá-lo a ser ele mesmo. Por outro lado, é importante permitir que as pessoas possam demonstrar o seu amor por nós. Quando elas perceberem os dons que Deus lhe deu, seu compromisso e sua capacidade, permita que elas expressem carinho e amor com elogios e incentivo. Deixe a obra de Deus por meio de você receber a aprovação das pessoas e também alegrar o seu próprio coração. Paulo

escreve aos Filipenses 4.5 uma palavra que pode ser traduzida por "que sejam razoáveis, ou cordiais", e as traduções se expressam dizendo: "Que a moderação de vocês seja conhecida" (NAA) e "Sejam amáveis" (NTLH).

A esse ensino podemos somar outros, como estar disposto a servir de suporte de forma presente e continuamente. Em Colossenses 3.12 somos convidados a nos revestir de compaixão, bondade, humildade, mansidão e paciência, e, na sequência, o versículo 13 orienta, "suportem-se uns aos outros e perdoem-se mutuamente...". Não quer dizer simplesmente aguentar o outro como se fosse um peso, mas marcar presença na vida dele concedendo oportunidades e condições para vencer. Ser suporte nas fragilidades para fortalecê-lo.

Observando as múltiplas formas para viver o amor cristão, vem à mente o texto de Lucas 15, com as parábolas da ovelha perdida, da dracma perdida e do filho perdido. As três parábolas falam de perdas em diferentes contextos. Na primeira, Jesus se dirige aos homens (parábola da ovelha perdida – 1 a 7) e fala do espaço externo, e tem como personagem a ovelha do campo. Ela está perdida, e o destaque vai para a postura de ir em busca da ovelha até encontrá-la. Na parábola da dracma perdida (8 a 10), Jesus fala para as mulheres, e o cenário é dentro de casa. Para encontrar a dracma, foi necessário acender a lamparina e varrer a casa, fazendo uma limpeza para encontrar a joia que estava perdida dentro de casa. E a terceira, fala do filho (11 a 32). Este se afastou por vontade própria, indo para muito distante da casa, mas não deixou de ser filho. Mesmo não reconhecendo o que tinha ao dispor como filho e renegando a sua casa, foi recebido como filho ao retornar à casa do pai. A espera do pai é significativa. A esperança do pai não esmoreceu. O filho tinha a marca do pai no sangue. E o pai, em prontidão, aguardava que o filho reencontrasse a casa. No retorno do filho que se ausentou, o pai percebeu que o outro filho que estava dentro de casa também estava distante dele e não compreendia a paternidade.

O que podemos aprender com estas parábolas? Elas nos ensinam que Jesus vai em busca do pecador. Ele vai ao campo, dentro de casa, e orienta e acolhe os filhos. Como isso poderia se aplicar na vida da igreja? Há lugar para entender assim? Jesus está dizendo à igreja que há ovelhas perdidas no campo e joias perdidas dentro de casa, e mais, que há filhos da casa se afastando e outros dentro de casa sem reconhecer o papel do Pai. A parábola da ovelha é uma fala aos homens, a da dracma é uma fala às mulheres, e a dos filhos, fala à família. Todos os casos precisam de acolhida e festa quando forem achados. A ovelha e a dracma necessitam de trabalho de busca. Mas são os filhos que dão mais trabalho, pois se trata de acolhida. De receber de volta quem não merece. Quando na verdade não há mérito em ser filho, portanto, em casa ou retornando, é graça ser acolhido pelo Pai. Quando Jesus ensina que ele vai em busca do pecador, ele tem algo a dizer à igreja que anuncia esta mensagem! Quando Jesus nos mostra onde há pessoas que precisam ser acolhidas e salvas, ele está nos mostrando um jeito de trabalhar como igreja, indo atrás, procurando dentro de casa e dialogando para acolher cada um a partir da sua realidade. A salvação é *obra medita de Deus* (sem meios), mas tornar esta obra conhecida e anunciá-la na forma de Lei e Evangelho, na forma de busca e acolhimento, Deus age por meio da igreja.

Outro aspecto que desejo ressaltar é a festa. Em cada situação em que o perdido foi achado foi feita festa. E a festa foi apresentada como necessária, junto ao argumento do filho mais velho. O que podemos concluir? Eu quero concluir que a vida com o Pai deve ser uma festa. Aqueles que estão com o Pai, que nunca se afastaram e não estiveram perdidos dentro ou fora de casa, ali estão pela mesma graça que acolhe com festa os que retornam. Portanto

é preciso celebrar. É preciso viver a alegria da presença do Pai e da família cristã. Com isso, mais leveza, menos cobranças e mais alegria nas relações da igreja. Menos busca de culpados para as dificuldades e menos reclamações nas fragilidades. Menos nós, mais Jesus. Menos administração e mais ministração da Trindade. É preciso celebrar a graça de Deus na vida das pessoas. É preciso celebrar em congregação a saúde, o nascimento de uma criança, o batismo, casamentos, bodas, e motivos mais. É preciso celebrar mais um ano firmados em Cristo. É necessário celebrar a salvação de pessoas.

Voltando para Lucas 15, podemos caminhar em busca de um diagnóstico para ver quem seriam estas pessoas no convívio da igreja? Quais são as situações que nos remetem a perdidos no campo, dentro de casa e filhos perdidos? Certamente estaremos tentados a classificar as pessoas, mas não é esta a essência do texto. As parábolas nos alertam das diferentes situações com as quais convivemos, e que é preciso celebrar sempre que a casa do Pai acolhe perdidos. Um dos lugares onde o Pai acolhe os perdidos é a igreja e a congregação.

Nesse sentido, uma reflexão não me sai da mente: a baixa participação das pessoas na sua igreja, onde Deus serve sua graça. Não dá para se alegrar quando em uma congregação tudo está funcionando com poucos e muitos estão ausentes. Não dá para ignorar os ausentes. Por vezes desistimos e buscamos nos alegrar com os que estão presentes. Entretanto, as três parábolas nos ensinam a ir atrás, no campo, e fazer uma limpeza dentro de casa para encontrar as joias que estão isoladas e perdidas, sem a comunhão e a convivência cotidiana. E sobre os filhos que foram embora porque não conseguiram mais aguentar a casa, ou permaneceram em casa, mas isolados da atitude do pai? Muita coisa poderia ser dita, até mesmo que o texto não exige que haja oposição quando querem ir embora, mas o principal está na atitude de retorno. Um filho da casa que, por algum motivo, por algum tempo andou distante da congregação, tem braços e portas abertas para retornar! Este é o ensino das parábolas – os perdidos fazem falta e são procurados e acolhidos com festa.

Nós somos tentados a fazer o papel do irmão mais velho, que não aceita a graça na família de Deus, querendo ser filho melhor que recebe o irmão perdido com comentários que vagam entre olhares de desprezo, questionamentos até um “bem feito, pra ver se aprende”. Isso quando o filho que retorna não enfrenta barreiras administrativas que o impedem ser acolhido sem que isso não lhe custe certos monetários para reaver certos “direitos” de membro da congregação. É preciso atentar para que as estruturas administrativas da congregação não sejam impedimentos para que o verdadeiro amor de Deus seja vivido e compartilhado. Cristo quer servir a sua igreja que ele firmou nele. Vale aqui a admoestação de Jesus aos discípulos: “Deixem os pequeninos e não os impeçam de vir a mim, porque dos tais é o Reino dos Céus” (Mt 19.14).

d) Vivemos e compartilhamos o amor cristão na sociedade

O amor cristão não é um fim em si mesmo. Ele procede de Deus e tem uma direção certa: as pessoas. “Nós amamos porque ele nos amou primeiro” (1João 4.19). Por causa do amor de Deus é que nós somos capazes de amá-lo e admoestados a amar o próximo.

Este amor é a revelação de Jesus. 1Coríntios 12.31 diz que o apóstolo vai nos mostrar um caminho, e então escreve sobre o amor e o descreve como eterno. E quem é eterno é Deus, o Pai, Filho e Espírito Santo. Da mesma forma, o caminho, o próprio Jesus diz: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (João 14.6). Portanto, o próprio Jesus é o amor. Este amor

não é restrito ao templo, à igreja e à vida dos cristãos. Este amor destina-se a pessoas e quer alcançar todas as pessoas.

Na sociedade estão as pessoas com as mais diferentes formas de incredulidade, religiosidade e crença. É preciso vontade para conhecê-las e estabelecer relacionamentos. Elas precisam da convivência, apoio e oportunidade para conhecer Jesus. E então ecoam as recomendações do Apóstolo do Amor, João, que escreve: "Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a sua vida por nós; portanto, também nós devemos dar a nossa vida pelos irmãos. Ora, se alguém possui recursos deste mundo e vê seu irmão passar necessidade, mas fecha o coração para essa pessoa, como pode permanecer nele o amor de Deus? Filhinhos, não amemos de palavra, nem de boca para fora, mas de fato e de verdade" (1João 3.16-18).

Por causa da sociedade múltipla, a igreja é desafiada a falar diversas linguagens para alcançá-la com o Evangelho. A ação social por natureza é múltipla, pois visa cuidar do ser humano e da criação de Deus em suas múltiplas dimensões. E é no espaço urbano que a igreja precisa estar atenta às múltiplas linguagens para o anúncio. Mas é preciso atentar ao acolhimento. E o culto é a porta de entrada e de acolhimento das pessoas, e, por isso, não deveria ser engessado, mas deveria ser dinâmico, litúrgico, histórico e contemporâneo, sem jamais esquecer a doutrina e o ensino que devem estar claros em cada culto, inclusive com dinâmicas litúrgicas e musicalização moderna. O ser humano pós-moderno normalmente não nos dá uma segunda oportunidade para consertar o que foi mal preparado. Cada culto é uma festa para recepcionar perdidos.

Na sociedade vamos encontrar diversos conceitos e terminologias para falar do amor cristão. Para aprofundar este tema, recomendo a leitura do Manual de Ação Social – *A igreja em Movimento* [2]. Entre os muitos conceitos para o amor ao próximo estão a diaconia ou o serviço ao próximo. A IELB optou por um termo simples que dialoga com a teologia e com a sociedade: ação social – atitudes não egoístas, pelo coletivo, social. Quando falamos em amor cristão, também pensamos em ação social. Social no sentido coletivo, que inclui a pessoa beneficiada por uma ação como sujeito do seu próprio desenvolvimento, mesmo quando necessita de uma mão estendida para acreditar que é possível lutar para alcançar uma realidade para si mesma (transformação social).

Conclusão

Com o propósito de refletir a partir da graça de Deus que nos firmou em Cristo e do amor cristão que dele procede, seguem aqui alguns princípios e metodologia de ação social que podem ser observadas na reconstrução da realidade social e humana.

- a) **Somos luz e sal:** no sermão de Jesus na montanha, nos capítulos 5 a 7 de Mateus, Jesus aborda muitos aspectos da vida, orientando os seguidores sobre a prática no dia a dia. Na segunda sessão temática (Mt 5.13-16), ele afirma: "Vocês são o sal da terra... Vocês são a luz do mundo...". Para o propósito deste estudo alguns aspectos deste texto. Jesus não colocou condição para se tornar sal ou luz. Ele afirmou aos seus seguidores que eles são sal e luz. Portanto, os cristãos batizados que foram firmados por Cristo são sal e luz. Não é preciso exigir que sejam, mas pode ser importante que sejam sempre de novo lembrados deste ensino. O sal serve para dar sabor, curar, temperar e preservar. E o sal faz isso relacionado com outro produto, e não consigo mesmo. Ele tem seu efeito, por exemplo, sobre os alimentos. Ele desaparece, mas deixa sua marca e efeito presentes. Assim, os filhos e filhas de Deus estão na criação de Deus, convivendo em sociedade, não separados

da sociedade, para dar gosto à vida, curar feridas, temperar a vida e preservar a vida de pessoas. Para isso, seguidores de Jesus se relacionam com a sociedade como sal, que, mesmo invisível, sempre deixa a sua marca naqueles com quem se relaciona. E a luz é colocada em lugar alto para espalhar-se pelo lugar, servir de sinal e direção. Ao serem luz, os cristãos são vistos e são instrumentos para iluminar, servir de direcionamento e guia para pessoas. Os cristãos são feitos exemplos e são vistos pela sociedade.

- b) **Somos máscaras da criação de Deus:** Deus se esconde em nós para realizar obras dele por meio de nós. Ele faz acontecer a sua vontade por meio dos cristãos. Cristo se apresenta na vida das pessoas por meio dos cristãos. Assim como Deus também realiza obras de procriação e manutenção da espécie, também dá fecundidade a toda a criação, nas diferentes espécies de animais e vegetais. Mas ele também capacita e envia homens, mulheres, jovens, crianças e idosos para realizar a sua obra de cuidar da criação e anunciar a salvação. Nosso falar e agir nos colocam diante do nosso irmão, e diante daqueles que Deus quer tornar irmãos. Isso se dá na vida real, concreta e cotidiana. Nada de embalagens ou espiritualização. Deus se torna pessoal a nós em Cristo, e nós participamos da criação no cuidado daquilo que Deus coloca ao nosso alcance.
- c) **Promover a estabilidade emocional para o desenvolvimento pessoal:** pessoas sofredoras, que vivem em situação de exclusão, desemprego, doenças, problemas de relacionamento, tornam-se frágeis e vulneráveis. Essas pessoas, por vezes, chegam a desistir da beleza da vida e deixam de acreditar que algo possa mudar ou que alguém seja capaz de amá-las e querer o seu bem. Para pessoas nesta condição, normalmente não basta oferecer ajuda, não há proveito em oferecer-lhes cursos e emprego, pois precisam de um ombro amigo, uma amizade saudável que as ajude a acreditar que elas são capazes, que a sua realidade de vida poderá mudar. Que Deus ama a cada ser humano e perdoa pecados a ele confessados. Pessoas precisam de relacionamento, e, com isso, passam a reaver uma estabilidade emocional, voltando a amar a si mesmas. Quando estável, a pessoa estará aberta a oportunidades de desenvolvimento. Será capaz de enfrentar desafios e lutar por seus sonhos. Para esta situação, normalmente é necessário o apoio de um profissional, psicólogo.
- d) **Fazer junto:** fazer junto com a pessoa é uma estratégia de promoção de estabilidade e desenvolvimento. É comum nós quisermos fazer coisas por alguém e chamar isso de ação social. Fazer pela pessoa não a ensina a vencer na vida. É preciso uma metodologia de fazer junto com ela. Estabelecer um relacionamento saudável e de confiança e caminhar junto. Por exemplo, eu posso pagar um curso preparatório para a universidade, mas o jovem candidato terá de estudar para alcançar a nota necessária para o ingresso na universidade. É uma parceria. Pagar o cursinho não garante aprovação, assim como a vontade de passar não dá oportunidade de fazer o cursinho. Outra forma mais simples: ensinar uma criança a caminhar. Não basta caminhar por ela, nem mesmo sonhar que ela vai aprender a caminhar e nunca cair. A relação de ação social é simples assim. E como em todas as relações humanas, alguma coisa vai dar errado, pois estaremos tratando com gente, mas isso não é motivo de desistir. Isso seria como uma mãe dizer, "eu não devia ter lhe ensinado a caminhar, agora você caiu e se machucou, e você já não é mais meu filho". Exagero!

- e) **Voluntariado:** envolver-se com a outra pessoa não apenas é um ato de amor. Ele também exige uma decisão pessoal: ser voluntário. Não é comum ser remunerado para realizar esta obra. É preciso acreditar, colocar seu tempo e profissão ao dispor do outro e destinar tempo importante para ver frutos na vida do outro. O voluntariado é uma decisão pessoal, e é necessário para o desenvolvimento de uma sociedade. Quem só faz por dinheiro não promove pessoas nem transforma histórias de vida. O voluntariado é profissional. Você faz o que sabe fazer e o faz pelo bem comum, sem dinheiro em troca. E você recebe em troca amor, histórias transformadas e sorrisos. Voluntariado não é o mesmo que trabalho não remunerado, pois este, muitas vezes, é feito por quem não queria e está sendo obrigado a fazer por falta de alguém que se dispusesse a fazer. O voluntariado é compromisso, é eficiência, é resultado, é necessário, e é cidadão.
- f) **Ação social implica em trabalhar com gente:** a ação social não é trabalho de ajudar pobres, mas, sim, ajudar a reescrever a história de vida de pessoas. As pessoas empobrecidas são as mais vulneráveis. Suas carências são mais visíveis, especialmente porque são evidentes no campo material, mas a ação social é uma proposta de trabalhar com gente pelo bem comum. Fazer coisas que trazem benefício para o coletivo. São ações feitas pelo coletivo – a sociedade. A ação social é dar de si e do seu tempo. É adotar causas e pessoas e trabalhar um relacionamento com essas pessoas para que elas possam perceber o amor de Deus em você e nas suas atitudes. “Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a sua vida por nós; portanto, também nós devemos dar a nossa vida pelos irmãos” (1João 3.16).
- g) **Jesus aparece na ação social cristã:** a ação social da igreja é uma forma de tornar o amor de Deus evidente e presente na vida de outra pessoa. Não é um simples trabalho ético, nem mesmo uma resposta a Deus, mas uma forma que Deus tem para suprir as carências materiais e espirituais das pessoas. A ação social se torna uma porta de entrada para um relacionamento, promoção de estabilidade, desenvolvimento humano, mas também de testemunho do Cristo que nos move a amar desta forma. Quando o cristão promove ação social, aquele que o motiva, Jesus, precisa aparecer como autor da obra.

E quando tudo o que tiver de ser dito e feito estiver dito e feito, tenhamos mais feitos do que ditos! (ditado caribenho)

[1] ROTTMANN, Johannes H. **Atos dos Apóstolos no Contexto do Século XX**. Vol. I. Porto Alegre: Concórdia, 1979.

[2] SCHROEDER, Airtón S. (Org.). **A Igreja em Movimento – Manual de Ação Social**. Porto Alegre: Concórdia, 2016.

Rev. Airtón Scheunemann Schroeder
Vice-Presidente de Ação Social da IELB
Porto Alegre, RS
airton@ielb.org.br